

Bibliotecas em Cabo Verde

HUMBERTO ELÍSIO LOPES

É sempre um assunto difícil e polémico quando se trata de escrever ou falar da problemática das bibliotecas. Primeiro porque os documentos escritos sobre essa matéria são escassos, segundo porque quando se fala do assunto as opiniões divergem e poucas são as vezes que nós profissionais de informação temos oportunidade de fazer passar as nossas ideias. Perante este facto, deixo aqui um pequeno panorama da realidade das bibliotecas em Cabo Verde.

Situado no coração do Atlântico, Cabo Verde é um arquipélago formado por dez ilhas e vários ilhéus, cuja descoberta pelos portugueses se deu em 1462. Mais do que outra das parcelas do Ultramar Português encontravam-se em Cabo Verde certas condições para a criação de uma biblioteca. A Ribeira Grande constitui a mais antiga cidade fundada pelos portugueses. Foi nessa cidade num dos Conventos do século XVI que foi fundada a primeira biblioteca. Denominada Livraria, de utilidade privada, ela teve um curto tempo de existência devido à pirataria que existia na época e o abandono a que se encontrava o referido convento. Os documentos restados dessa livraria, segundo José Júlio Gonçalves*, foram transferidos mais tarde para a nova capital (Cidade da Praia).

Tempos passaram, outras condições vieram a surgir para a implementação de outras bibliotecas. Com a existência da primeira tipografia em 1842, publicou-se o *Boletim Oficial da Colónia de Cabo Verde* e em 1880 o *Boletim da Colónia da Guiné Portuguesa*. Já em 1877 surgia o primeiro jornal não oficial *O Independente*. Foi em 1871 que os primeiros passos foram dados para a criação da

* Foi Professor extraordinário do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (Universidade Técnica de Lisboa)

primeira biblioteca pública «A Biblioteca e Museu Nacionais» na cidade da Praia*. O número de obras expostas aumentava gradualmente fruto da contribuição por parte da população e do apelo dirigido aos autores nacionais. Mais tarde ela foi denominada «Biblioteca Pública da Praia», embora nunca tenha chegado a ser Municipal, pois foi sempre financiada com fundos provenientes do orçamento provincial.

Poucos anos mais tarde (1880), seria criada a primeira Biblioteca Municipal em Cabo Verde.

Trata-se da Biblioteca do Mindelo*, considerada pelos mindelenses como um espaço de grande utilidade cultural, muito frequentada pelos estudantes.

Seguiu-se a criação da Biblioteca do Seminário-Liceu de São Nicolau em 1886 que muito contribuiu para a vida cultural da ilha. Mais tarde, criam-se as Bibliotecas Municipais do Fogo e da Ribeira Grande (Santo Antão), embora ambas não tenham cumprido devidamente o papel que lhes competia.

A criação de Bibliotecas em Cabo Verde, em muitos casos, não foi objecto de nenhum estudo prévio, capaz de as enquadrar correctamente no meio sócio-cultural da respectiva comunidade, esquecendo da continuidade, por conseguinte transformando hoje, em simples salas de leitura, munidas de algumas estantes, uns tantos livros organizados ao gosto do seu responsável, consequentemente contribuindo para a pouca frequência dessas bibliotecas.

Para além disso, geralmente são mal localizadas, com espaços bastante reduzidos e mal distribuídos, inadequados ao serviço a prestar.

Não dispondo essas bibliotecas nem de um orçamento próprio, nem de uma política pré-estabelecida para aquisição da documentação mais conveniente, o acervo acaba sendo pouco atraente, despertando pouco interesse nos seus leitores. Contentam-se em receber donativos, ficando dependentes, funcionando apenas com ofertas que muitas vezes não satisfazem as necessidades dessas bibliotecas.

Reside no pessoal o principal problema das nossas bibliotecas. Em Cabo Verde existem poucos técnicos formados na área de biblioteconomia pelas seguintes razões:

- Inexistência de uma sensibilização dos estudantes aquando da candidatura das Bolsas de Estudos. O estudante é sempre «empurrado» para estudar Biblioteconomia pois, em muitos

* Estas bibliotecas foram extintas na altura da transição política 1974/75.

casos é a última opção da lista, o que faz com que, quando chega ao país onde irá estudar, muda imediatamente para outro curso que lhe parece a princípio ter maiores probabilidades de triunfar na sua futura carreira profissional.

- Ausência de uma «cultura bibliotecária». O Bibliotecário é ainda visto como um funcionário que não precisa ser formado, e a biblioteca como um depósito onde o bibliotecário se limita a entregar e receber livros.

Em geral nas bibliotecas encontramos um só efectivo, por vezes com pouca habilitação, ou em muitos casos encontramos pessoas sem qualquer motivação porque foram transferidos de uma Direcção onde as suas relações com o responsável não eram das melhores.

Perante tal realidade, o tipo de utilizadores que se devia esperar nunca aparece.

Os alunos dos liceus acabam por constituir o principal utente das nossas bibliotecas uma vez que nelas encontram ao menos um local de estudo.

De um estudo feito pela Direcção Geral de Alfabetização e Educação de Adultos que visava fazer um levantamento das condições de funcionamento, instalações, fundo bibliográfico, leitores, níveis de venda, obteve-se os seguintes dados dos Concelhos mais importantes do país:

Concelho	População	Espaço/ Leitura	Fundo	Leitores por mês	Pessoal
Praia	77 000	18	66 517	12 126	insuficiente
Mindelo	50 000	08	21 682	11 432	insuficiente
St. ^a Catarina	45 000	04	21 650	7 274	insuficiente
Rib. Grande	20 000	08	21 688	2 393	insuficiente
Sal	9 000	03	6 300	1 108	insuficiente

Diagnóstico feito em 1997

Nota-se que os dados são mais elevados no Concelho da Praia, embora, se formos ver a nível percentual, o Concelho de São Vicente possui valores mais elevados. Nos Concelhos da Praia, Santa Catarina e da Ribeira Grande a leitura pública está mais descentralizada devido à existência das Bibliotecas Itinerantes, o que poderá vir a aumentar o número de leitores nos meios rurais.

No final desse estudo, apresentado no *Dia do Livro*, durante um encontro nacional de representantes afectos à leitura pública, com o objectivo de analisar a situação actual da rede da leitura pública em Cabo Verde, chegou-se às seguintes conclusões:

- Os pais e a família em geral, devido ao baixo nível de escolaridade e fraco poder económico não têm o hábito de leitura e por essa razão, não conseguem inculcar esta prática nos filhos;
- Pouca sensibilização quanto ao valor dos livros;
- Falta de leitura generalizada em relação aos professores e outros educadores;
- As escolas geralmente não possuem um espaço de leitura;
- Os programas escolares não contemplam actividades que visem incentivar as crianças à leitura;
- Falta de profissionais qualificados;
- Carência de livros;
- Falta de orientação e envolvimento dos professores nos trabalhos que exigem pesquisa por parte dos alunos;
- Problemas ligados à actividade editorial; poucas publicações para as camadas mais jovens;
- Falta de coordenação e articulação entre profissionais e instituições que estão envolvidos na promoção da leitura;
- Défice em relação à política nacional de aquisição de livros que condiciona a venda, pois a maior parte do livro é conseguido através dos mercados de Portugal.

Apesar deste panorama sombrio, posso destacar algumas bibliotecas que realmente têm feito um trabalho digno de menção:

Sendo Cabo Verde um país que não possui Biblioteca Nacional, logo é de se concluir a fraca existência de Bibliotecas Públicas. Na realidade, pouco tem sido feito para implementação dessas bibliotecas, não obstante a boa vontade e interesse que muita gente tem manifestado. Contudo, é de realçar o papel da Biblioteca do Arquivo Histórico Nacional (AHN) assegurando uma boa parte da comunicação documental de Cabo Verde.

Situada na capital do país, esta biblioteca faz parte da Direcção da Comunicação Documental do AHN. O seu fundo documental agrupa uma colecção de Diários de Governo de Portugal, Boletins Oficiais das ex-colónias, incluído o de Cabo Verde, cerca de seis mil títulos de obras e oitocentos títulos de periódicos.

A Biblioteca serve de apoio a uma Sala de Leitura que possui um leque de utilizadores bastante diversificado. Professores, pesquisadores, técnicos, alunos e outros, frequentam a Sala de Leitura, no intuito de encontrarem informação nos mais variados domínios. A sua frequência eleva-se a cada dia, assim, já foi disponibilizada uma outra sala destinada aos pesquisadores. A Biblioteca para além de servir como local de comunicação documental, funciona ainda como protectora e conservadora do património cultural do

país, daí a sua denominação de Biblioteca Nacional enquanto não houver outra no país. Muitos particulares, tanto nacionais como estrangeiros, têm vindo a ajudar a Biblioteca na sua difícil missão, vendendo ou mesmo oferecendo documentos importantes referentes a Cabo Verde. Esta instituição já publicou dois volumes da Bibliografia Nacional, o boletim *Loca* que tem como objectivo fazer chegar aos utilizadores tanto reais como potenciais informações das actividades do AHN, e está sendo preparado um Catálogo das publicações periódicas caboverdeanas.

Vinte e um anos depois do seu encerramento a Biblioteca Municipal do Mindelo reabriu ao público em 1996. Ela é um claro exemplo do que se pode fazer quando há visão e querer. Instalada no centro da cidade, num antigo e belo edifício totalmente remodelado, possui quase todas as condições necessárias para oferecer aos seus utentes um óptimo serviço, pois dispõe de excelentes instalações, de um mobiliário moderno e vistoso, de um acervo bastante rico e variado e é dirigida por uma profissional da área.

Porém, constitui um grande *handicap* o facto de ainda se encontrar por informatizar. De facto, no final do século xx não se pode dispensar a informatização sendo um dos melhores recursos que uma biblioteca pode dispor, pois, as tradicionais e morosas fichas, dificultam não só o profissional de informação mas também o utilizador.

Por outro lado, a Biblioteca sente a tradicional falta de pessoal, levando em conta o número importante de utilizadores que ali se concentra à procura das mais variadas informações. Também é bom referir a grande massa documental que herdou da antiga biblioteca e que merece, pela sua importância, de tratamento urgente para poder ser posta à disposição dos utilizadores.

Uma nova perspectiva abriu-se nos últimos anos, e tem provado o que se pode fazer para dinamizar certo tipo de utilizador, vivendo em zonas onde o acesso à informação é difícil. Trata-se das Bibliotecas Itinerantes. Criadas em 1994, financiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian têm por objectivo combater o analfabetismo, incentivar o hábito de leitura nos jovens e nos adultos, e ainda levar a informação ao meio rural de forma a descentralizar e fazer circular essa mesma informação. Sob a alçada da Direcção Geral da Educação Extra-Escolar (DGEX), estas bibliotecas estão implantadas nas quatro maiores ilhas onde a actividade agrícola é mais importante. Com um fundo constituído por livros infanto-juvenis, literatura e revistas de diversos temas, enriquecem ainda a sua actividade projectando filmes vídeo de forma a incentivar mais utilizadores.

As bibliotecas dos Centros Culturais têm vindo a desempenhar um papel na vida cultural e educacional dos caboverdeanos nomeadamente nos principais centros populacionais – Praia e Mindelo. Elas são partes vitais dos Centros Culturais de Portugal, da França e do Brasil, em actividade permanente e sempre presente o elemento essencial da cultura, o livro. Constituem locais de trabalho, pesquisa e consulta, tendo à disposição colecções variadas de obras e publicações periódicas.

Nestes últimos tempos temos vindo a verificar uma forte tendência para a criação de bibliotecas nas diversas Instituições e nos diversos Ministérios do país, que têm servido não só aos técnicos, mas também aos estudantes na busca desesperada da informação de que necessitam. Constitui um óptimo exemplo a Biblioteca da Assembleia Nacional. Criada recentemente, conta com um acervo bastante rico, com excelentes instalações, com equipamentos dos mais modernos, e dirigida por uma profissional da área.

As bibliotecas escolares deviam constituir o grosso das bibliotecas em Cabo Verde, porque, como sabemos, possuem um número elevado de potenciais utilizadores já pronto à frequência das bibliotecas e muito necessitado de informação. Muitas escolas têm sido construídas nestes últimos tempos, infelizmente não consta nos projectos uma biblioteca, ou se têm constado, o espaço nunca foi utilizado para esse fim. Algumas escolas que possuem uma biblioteca, contentam-se em ter algumas estantes com algumas centenas de livros, e um funcionário que nada entende do assunto e que se limita a entregar e receber livros, piorando deste modo a imagem que as pessoas têm das bibliotecas e dos bibliotecários.

Perante esta breve descrição pode-se concluir que a biblioteca sempre teve um lugar no contexto cultural do país. No entanto, a situação actual é preocupante, tendo em conta a fraca sensibilização que infelizmente ainda se nota, por parte dos dirigentes políticos, dos profissionais da área, dos representantes dos sectores da cultura e da sociedade civil.

Há necessidade de criar mais bibliotecas, formar mais pessoal, reciclar os técnicos existentes, organizar debates ligados a essas e outras questões pertinentes para garantir os objectivos principais de todo o serviço de informação, que é o de responder convenientemente às necessidades dos seus utilizadores. Porém, dois acontecimentos poderão vir a mudar o rumo da biblioteconomia em Cabo Verde:

- A organização de um seminário nacional que o Arquivo Histórico pretende realizar brevemente, visando o estabelecimento

de uma Política Nacional de Informação, a qual deverá definir claramente as competências e responsabilidades de cada um dos intervenientes no sistema, e permitir um maior e mais harmonioso desenvolvimento deste sector.

- A Biblioteca Nacional, que está a ser construída e deve ser inaugurada no próximo ano, que irá, de certa forma, ajudar a pôr em prática a referida política de informação, dinamizar e desenvolver o sistema nacional de informação.